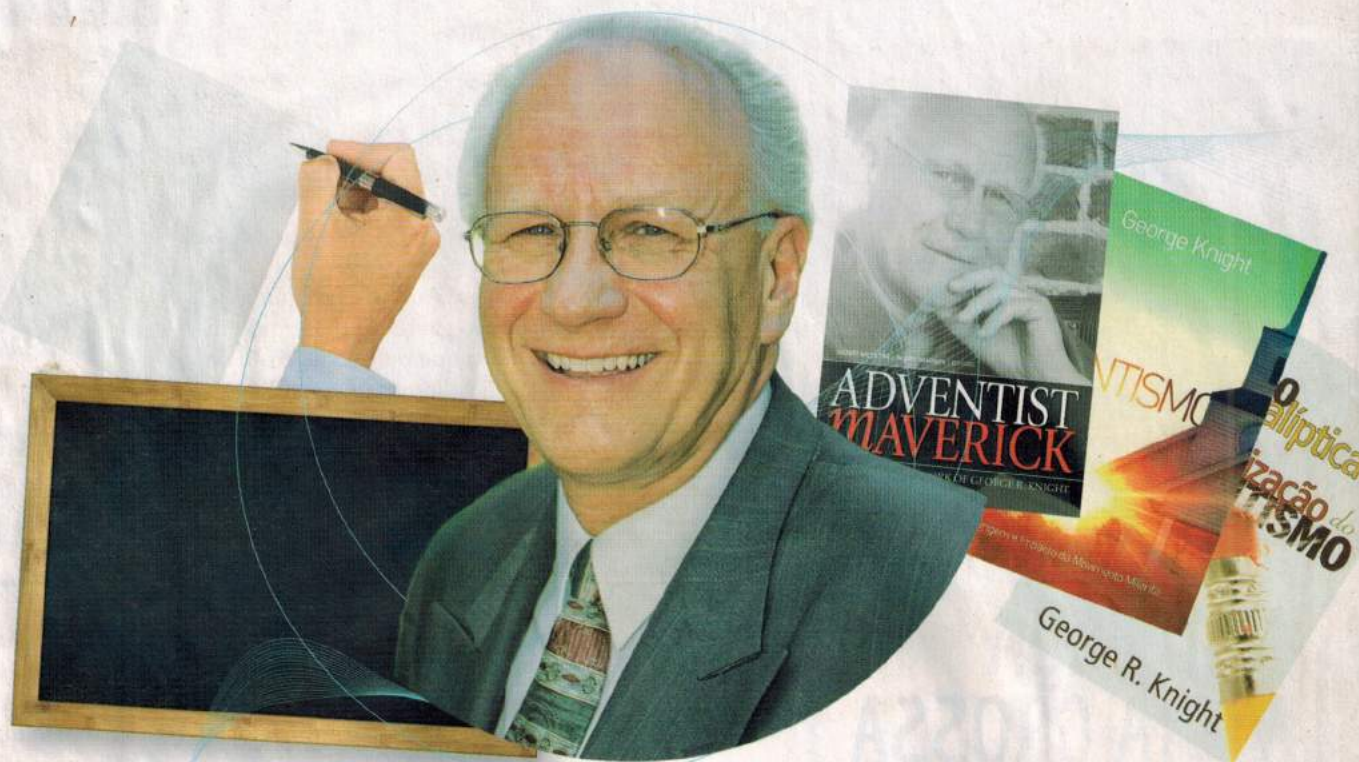




A ARTE DA PROVOCAÇÃO

EDUCADOR. HISTORIADOR. TEÓLOGO. COMENTARISTA. BIÓGRAFO.
EX-PERFECCIONISTA. COMUNICADOR. PROVOCADOR...
GEORGE R. KNIGHT É TUDO ISSO E MUITO MAIS

Imperfeito na perfeição, perfeito na imperfeição. Assim é George. Nascido no dia 16 de outubro de 1941 na pequena cidade de Ross, na Califórnia, e convertido ao adventismo aos 19 anos durante uma série evangelística numa cidadezinha com o sugestivo nome de Eureka, ele prometeu a Deus que seria “o primeiro cristão perfeito desde Jesus”. Se havia sido tão bem-sucedido em seu hedonismo, por que não poderia ter êxito na santidade? Era só mudar o foco e redirecionar sua energia. Obviamente, falhou! Em 1969, desiludido, deixou o ministério e pensou em deixar o cristianismo. Mas Deus não o deixou. O que o transformou em uma das vozes mais influentes do adventismo na segunda metade do século 20 e início do século 21?

EDUCADOR E HISTORIADOR

Em 1976, com um recém-conquistado diploma de doutorado debaixo do braço, George Knight se juntou ao corpo docente do Departamento

de Educação (depois transformado em Escola de Educação) da Universidade Andrews. Dentro de seis anos, numa carreira meteórica, passou de professor-assistente a titular.

O dia decisivo ocorreu quando os quatro principais líderes da área o intimaram, numa reunião, a não só lecionar, mas escrever. Por certo, queriam dar credibilidade ao novo curso de doutorado em Educação. Daquela conversa, ele saiu com uma visão clara, mas faltava o conteúdo, que se tornou o objeto de sua busca nos anos seguintes.

Em 1980, foi lançada sua primeira obra, *Philosophy and Education*, em que ele mostra que “ninguém chega ao seu destino se não souber para onde está indo”. Por isso, antes de estabelecer uma jornada, é necessário pensar sobre os objetivos. As várias edições desse livro e de uma versão com outro título para um público mais secularizado venderam mais de 90 mil exemplares e ajudaram a estabilizar financeiramente a Andrews University Press, editora que ele dirigiu

durante três anos. As obras de Knight ainda representariam 1,2 milhão de dólares de faturamento para a editora universitária de Berrien Springs.

Até hoje, essas obras estão no mercado. Mas Knight não parou aí. Sempre em busca de significado, ele escreveu novas peças sobre educação. Por exemplo, o artigo "Redemptive Discipline", publicado no *Journal of Adventist Education*, motivou um convite para que ele falasse periodicamente a grandes audiências de educadores católicos por dois ou três anos. Isso levou alguns adeptos das teorias da conspiração a questionar se ele não seria um jesuíta infiltrado na igreja!

Mais tarde, realizar palestras para adventistas e não adventistas sobre esse e outros assuntos se tornaria uma rotina em sua vida. Nos tempos recentes, talvez nenhum teólogo tenha falado tanto em encontros da igreja e assembleias da Associação Geral quanto George Knight.

Entretanto, ele não ficou apenas no circuito da educação. Variedade é seu estilo. De educador, o pesquisador rigoroso passou a historiador. E novamente fez diferença na disciplina – tanto na sala de aula quanto no mundo das ideias escritas. Com base em fatos e interpretações inteligentes, a história do adventismo relatada por Knight não é linear nem retilínea. É complexa, marcada por idas e vindas. Para ele, o adventismo tem que tomar consciência de seus erros e acertos. Fechar os olhos não fará com que os problemas desapareçam.

Na visão dele, a igreja tende a oferecer respostas do século 19 para perguntas do século 21. Seu objetivo é ajudar os adventistas a entender melhor seu passado e a descobrir sua identidade para ter relevância no presente. Para isso, conta com um repertório amplo.

Seu mundo não se limita à América do Norte. Sabedor disso, pergunto sobre suas impressões a respeito da igreja no Brasil, e ele diz que são "extremamente positivas", destacando seu dinamismo. "É uma igreja em movimento", define e elogia o envolvimento dos jovens, o sistema educacional, a rede de comunicação e a editora como referências mundiais. "A Casa Publicadora Brasileira é um exemplo de como as coisas devem ser feitas", pontua.

Knight é considerado um historiador revisionista. Ele tem a coragem de fazer perguntas que eram proibidas em décadas passadas. Embora confiante no chamado divino dos adventistas, não hesitou em mostrar o processo de desenvolvimento sociológico, histórico e teológico do movimento. Para ele, a dimensão divina não anula a condição humana, critério que aplicou também a Ellen White.

Um de seus legados é a influência sobre seus alunos. Mentor de uma geração talentosa de estudantes doutorais, como Gilbert Valentine, Jerry Moon, Alberto Timm e Merlin Burt, o Dr. Knight "se tornou, em resumo, a face da história adventista", comenta Benjamin McArthur.

Na sala de aula, relembra Jerry Moon, o professor lia seu manuscrito com muita confiança e energia, como se fosse um ator declamando um texto diante de uma casa cheia. As frases de efeito o ajudavam a não ser um professor ou orador entediante. Rigoroso e exigente, estabelecendo altos padrões para seus estudantes, Knight não demorou para firmar sua reputação como excelente professor. O toque de generosidade vinha como contraponto.

ESCRITOR E PROVOCADOR

George Knight é um fenômeno das letras. Virou lugar-comum dizer que, com exceção de Ellen White, ele é o autor mais prolífico da história do adventismo e certamente um dos mais traduzidos, tendo chegado a públicos de mais de 50 países. Sua produção literária inclui pelo menos 42 livros (alguns atualizados e relançados com outros títulos), a organização de cerca de 40 obras, aproximadamente 65 prefácios e capítulos de livros, cerca de 35 verbetes em obras de referência e mais de 150 artigos. Metódico, mente global, ele escreve em blocos de assuntos, com vários títulos sobre o mesmo tema. Educação, história, comentários bíblicos, biografia, devocionais e artigos acadêmicos compõem os gêneros explorados pelo autor em seu cânon bibliográfico.

Determinado, Knight costuma levantar de madrugada para escrever. *Workaholic* assumido, trabalha

quase 60 horas por semana, sempre sem interrupções. Para manter o ritmo, faz pequenos intervalos, e mantém uma rotina de atividades e aventuras na natureza, como escalar e remar. Tecnóforo, coloca as ideias no papel à moda antiga. Escreve à mão e a esposa, Bonnie, digita o material.

Inicialmente, George não sabia escrever. Porém, sabia ler. E aprendeu com o estilo dos outros. Quando começa, o texto flui. "Penso com a caneta na mão", revela. Um conhecimento sólido não se faz sem livros. Leitor voraz e persistente, ele ainda apoia e renova seu repertório intelectual com leituras rigorosas. Nos primeiros anos de ensino, gastava mais de seis horas por dia lendo, atividade que ele considera o paraíso na Terra.

Mitos no Adventismo, lançado originalmente em 1985, foi o livro que o projetou no cenário denominacional. Na obra, combinando ideias extraídas da história, filosofia, sociologia e teologia, ele analisou a educação nos escritos de Ellen White, entre outros temas. "Explodir um mito pode ser tão perigoso como desativar uma mina", observa Arnold Reye. No entanto, Knight explodiu um campo minado inteiro.

Seu projeto seguinte, a biografia do controverso Alonzo T. Jones, lançada oportunamente em 1987, véspera do centenário da grande crise de 1888, gerou uma onda de protestos, pois, nas próprias palavras de Knight, ele havia tocado no "santo padroeiro de mais de um grupo". Sua ilusão de ser um mediador entre os extremos da direita e da esquerda não durou muito.

Na introdução desse livro, Knight observa que os adventistas têm publicado muitas "histórias deliciosas sobre a vida de pessoas", mas poucas biografias. E completa: "Muito do que tem passado por biografia é hagiografia (escritos sobre a vida de santos)." Não são "histórias de pessoas reais que desesperadamente precisavam de Jesus como seu Salvador depois de se tornarem cristãs".

Se Knight não é um hagiógrafo, que vê apenas virtudes, também não é um iconoclasta e desconstrutor. Sua escola é a do realismo. Por isso, para desgosto dos mais conservadores, não poupou

Jones. Carismático, extremado, orgulhoso de seu passado militar, figura de imenso destaque no adventismo dos anos 1890, Jones foi retratado como um personagem de carne e osso, que teve um papel central nos debates sobre justificação pela fé em 1888, mas que, ao mesmo tempo, tinha defeitos na vida e na teologia.

Knight não escreve biografias apenas pelo interesse no personagem. Ao estudar a vida da pessoa, ele quer entender o movimento religioso. E perscruta o passado para descobrir lições para o presente. O passado é apenas um pre-

texto, ou ferramenta, para falar do presente com mais liberdade.

Os livros permitiram que o conhecimento do professor ultrapassasse as paredes das salas de aula, espalhando sua fama pelo mundo. Sua sen-

sibilidade para detectar assuntos “quentes” e o pendor para temas controversos, como a “porta fechada”, 1888 e a reorganização da igreja em 1901, contribuem para manter seus títulos em evidência. Ele não evita tópicos explosivos; na verdade, os procura. A começar pelos títulos antológicos, como *Se Eu Fosse o Diabo, Eu Costumava Ser Perfeito* e *O Guia do Fariseu Para a Perfeita Santidade*. Em geral, abre seus livros com declarações bombásticas. O leitor fica inicialmente intrigado ou mesmo chocado, depois lhe dá razão. Bem-humorado, Knight gosta de metáforas, jogos de palavras e frases lapidares.

No entanto, o que torna relevantes os escritos dele são os esclarecimentos que proporcionam. Por exemplo, seu livro *Millennial Fever and the End of the World*, recém-lançado em português com o título *Adventismo*, ainda é uma das análises mais acuradas do milerismo e das raízes adventistas.

Knight considera o livro *A Visão Apocalíptica e a Neutralização do Adventismo* sua obra mais importante porque, “se o adventismo perder sua

compreensão apocalíptica, perderá sua mensagem singular para o tempo do fim e, portanto, sua razão de existir”. Isso seria apagar sua “febre milenária”.

Sobre projetos futuros, menciona os livros *Gospels in Conflict* (Evangelhos em Conflito), que inclui estudos sobre Gálatas, e *Salvation for “All”* (Salvação Para “Todos”), sobre o livro de Romanos. Ambos acompanharão, respectivamente, a Lição da Escola Sabatina do 3º e do 4º trimestre de 2017. Porém, a lista não para aí.

A palavra *maverick* usada no título do livro *Maverick Adventist*, uma obra recente escrita por vários teólogos em homenagem a Knight, dá uma ideia do estilo do nosso perfilado. Significa “independente”, “inconformista”, “alguém com estilo próprio”. George Knight é assim, mas vai além. É uma espécie de “provocador” oficial da igreja, que conquistou sua credencial com muito trabalho.

A vida de provocador, sempre precária, não é fácil. As ameaças vêm de lugares inesperados. Mas George sobreviveu a tudo. “Honestamente, eu não gosto de controvérsias, especialmente sobre tópicos religiosos”, diz ele, embora reconheça seu envolvimento com elas por cerca de 40 anos. De fato, ele evita debates públicos e prefere não responder aos críticos.

O que ele gosta é de pensar. Por isso, registrou uma frase de Arnold Reye no início do livro *Mitos no Adventismo* em inglês: “Nos círculos adventistas, o ato de pensar tem sido frequentemente tratado como uma virtude na retórica e um pecado na prática.” Uma verdade em todos os continentes e talvez em todas as religiões.

Qual é o segredo para se abordar temas polêmicos e sobreviver? Fidelidade aos fatos e, acima de tudo, lealdade. Nosso biografado pode ser acusado de tudo, mas não de ser desleal à mensagem adventista. Ele acredita na origem e no destino do movimento.

Apesar do tom provocador, George Knight é um homem do meio-termo. Radical na retórica, é essencialmente moderado na teologia. E, como teólogo, tem dado uma enorme contribuição para a igreja, talvez não tanto pela

originalidade de seu pensamento, mas pela capacidade de ver o todo e explicar coisas complexas de maneira compreensível. Ele tem grande habilidade de cruzar fronteiras, ver conexões entre fatos e sintetizar ideias. Para Knight, o contexto é fundamental.

PERFECCIONISTA FRUSTRADO

George Knight, naturalmente, não é perfeito. Mas costumava ser. Era o perfeccionista dos perfeccionistas, com o objetivo de se exceder na santidade. Até que descobriu os limites teológicos e práticos de sua utopia.

A partir de então, deu um rumo mais útil para seu perfeccionismo: aceitou o ensino bíblico do pecado, entendeu a natureza humana de Jesus, passou a enfatizar a justificação pela fé e a perfeição de Cristo, desviou o foco do “eu”, abandonou a crítica apressada e, para não falar bobagem, começou a fazer uma pesquisa séria antes de apresentar questionamentos e tentar reformar a igreja. O tema da salvação passou a figurar como um dos principais em seus estudos.

Os perfeccionistas de hoje que aflição a própria alma em busca da aceitação divina e assolam o povo de Deus na tentativa de forjar uma mudança que não veem neles mesmos certamente têm algo a aprender com a experiência e os escritos de Knight. O teólogo não rebaixou os padrões de santidade, nem abandonou os ideais de perfeição. Afinal, mantido o equilíbrio, essa é uma ênfase bíblica. Ele apenas descobriu a perspectiva correta.

Em sua busca incansável por significado num Universo aparentemente sem sentido, ao estilo do sábio Salomão, ele conclui que tudo é vaidade, mas resume sua descoberta em dois pontos: (1) assim como as plantas, a vida floresce melhor no meio do esterco e (2) “salvo pela graça” é a mensagem que conta.

Pela mudança ocorrida na vida desse ex-perfeccionista brilhante, estudioso incansável, propagador da graça divina, apenas podemos dizer amém e louvado seja o Senhor! 

MARCOS DE BENEDICTO é editor da Revista Adventista

Atuando em várias frentes, historiador adventista ajudou a entender a alma de um povo e a moldar o pensamento da igreja